

HOWARD, Leon — *A Literatura Norte-Americana*. S. Paulo, Editôra Cultrix, 1964, 235 pp.

Acaba a Editôra Cultrix de lançar, no âmbito da coleção "Roteiro das Grandes Literaturas" e em excelente tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos, a obra histórico-crítica de Leon Howard, que no original inglês recebeu o título de *Literature and the American Tradition* (A Literatura e a Tradição Norte-Americana), publicada pela Editôra Doubleday and Company de Garden City, New York, em 1960. Fruto de sua experiência pessoal como professor de Literatura Norte-Americana em universidades estrangeiras especialmente no Japão, é por isso mesmo ideal para uma apresentação da literatura dos Estados Unidos a leitores brasileiros. Propõe-se o autor a estudar, como é assinalado em prefácio, se "a História da Literatura dos Estados Unidos revela a existência de uma atitude mental bastante consistente e durável para ser tomada como aspecto de caráter nacional". O autor acha que sim e propõe-se, em seguida, a analisar o desenvolvimento desse caráter nacional, desde o estabelecimento das primeiras sociedades puritanas na costa da Nova Inglaterra até nossos dias. A questão é de importância vital tanto para os Estados Unidos, onde de um meio lustro para cá (parece estranho que só a esta altura isso tivesse acontecido) a Literatura Norte-Americana alcançou uma autonomia manifestada através da criação de departamentos de Literatura Norte-Americana e de Estudos Norte-Americanos (American Studies), como para o Brasil, onde a literatura Norte-Americana, no âmbito dos Departamentos de Letras, encontra-se, na maioria dos casos sob a égide das Cadeiras de Língua e Literatura Inglesa. A própria publicação desta obra em tradução pela Editôra Cultrix, quando tôdas as outras histórias literárias, que compõem a coleção «Roteiro das Grandes Literaturas» foram escritas por escritores e professores brasileiros, evidencia flagrantemente o segundo plano a que foi relegada a Literatura Norte-Americana como matéria acadêmica independente. Existem cerca de trinta e cinco professores da matéria em exercício em faculdades brasileiras conforme estatísticas divulgadas durante o Seminário para Professores Brasileiros de Literatura Norte-Americana, o primeiro no gênero, realizado sob os auspícios da Comissão Fulbright em São Paulo, em 1962, que poderiam ter-se encarregado de escrever a história da Literatura Norte-Americana.

O livro do Professor Leon Howard, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, vem provar, como aliás o têm feito muitos outros professores de Literatura Norte-Americana, que a literatura dos Estados Unidos não é meramente uma manifestação regional da literatura inglesa, mas tem adquirido através dos tempos uma originalidade própria, inconfundível. Essa originalidade começou com a sociedade puritana, que instituiu, em terras americanas, primeiro uma teocracia e, mais tarde, em virtude do desbravamento das terras que se fazia necessário ao desenvolvimento do país, princípios materialistas que a levaram a seguir, "os ditames da razão, em vez dos da revelação, e uma crença no poder da vontade antes que na providência ou predestinação" (pág. 34).

Quando os Estados Unidos quiseram tornar-se independentes, no século XVIII, e principiaram a formular a "Declaração da Independência", surgiu a razão intuitiva Baconiana, que se tornou uma terceira força no "espírito americano", então em formação. Mas é no século XIX que esse espírito americano se solidifica. Sem embargo, os símbolos a serem usados são originários da Europa: a natureza, a revolta contra a tirania e a tradição mas, a fuga para a natureza preconizada por Woodsworth e outros românticos, não apelava àqueles que, em seus afazeres quotidianos, viam nessa mesma natureza um obstáculo a ser vencido. Da mesma forma, a jovem nação não tinha ainda passado a que se referir e, por conseguinte, tradição; não era de admirar que seus escritores se voltassem para si mesmos, intuindo o presente ao seu redor. A luta contra a tirania se esvaíava com a independência dos Estados Unidos. O vulto mais importante desta época é, sem dúvida, Emerson, que "fazia o seu romantismo intelectual soar como o Pobre Richard de Franklin conduzindo gente através do caminho para a riqueza... A roupagem verbal do espírito transcendente de Emerson era do tradicional tecido caseiro" (pág. 109).

O idealismo de Emerson é contrastado com o empirismo de escritores como Franklin e essas duas doutrinas divergentes se harmonizam nos escritos de Hawthorne e divergem mais flagrantemente na obra de Melville. O Professor Howard acredita que uma literatura Norte-Americana independente surgiu somente com esses escritores.

O autor reconhece que Walt Whitman foi o primeiro poeta norte-americano a desligar-se completamente das influências européias, o que resultou numa superficialidade de pontos de vista. Comparando-o a Herman Melville, acha que o individualismo deste «repousava nas profundezas criadoras donde tirava o seu livro», enquanto que o do poeta, "surgia apenas da superfície" (pág. 134).

O período realista, exemplificado pelos seus grandes expoentes, William Dean Howells, Mark Twain e Henry James, marca, para o Professor Howard, uma tentativa de, em oposição à sociedade, os escritores regressarem àquele individualismo preconizado por Emerson no século XIX. Esse realismo encetado pelas descrições de "local color" dos aventureiros do Oeste e Médio-Oeste, se definira, através das lutas sociais e políticas, desencadeadas primeiramente em Chicago, transformando-se, mais tarde, no naturalismo de Stephen Crane, Jack London e Theodore Dreiser; de acôrdo com o naturalismo, a sociedade — ambiente e hereditariedade — dominava completamente os destinos do homem e este não era mais que o "barco aberto" à mercê do oceano. Todavia, enquanto a literatura enveredava pelos caminhos do realismo e naturalismo, a sub-literatura, isto é, a literatura popular, caracterizava-se por uma fuga para o romantismo e o sentimentalismo. Essa sub-literatura à medida que sofria o impacto de poetas como Edwin Arlington Robinson, Robert Frost e Erza Pound, retornava "à fonte tradicional do julgamento individual, de que havia emergido para o seu grande período de grandeza" (pág. 184). Em **O Grande Gatsby** de Francis Scott Key Fitzgerald, a sociedade abastada, mas moralmente corroida, representada por Daisy e Tom, dá lugar ao humanismo moralmente superior de Gatsby, a quem Fitzgerald atribui o papel de representar os sonhos de todos os indivíduos que aportavam às costas americanas em busca de felicidade. A vitória de Gatsby sobre Daisy e Tom ajuda a solidificar de novo o humanismo na Literatura Americana.

O romance sério mais recente, mencionado pelo Professor Howard, data de 1956. Tivesse o autor seguido o desenvolvimento da Literatura Norte-Americana até nossos dias, teria observado a verdade de suas preconizações, isto é, que as situações em que o homem tenta sobreviver apesar da sociedade, descritas por Hemingway, encontram-se novamente em J.D. Salinger e Saul Bellow, escritores que dominam a década dos sessenta. Constataria também que o tributo ao homem e suas infinitas possibilidades de sobrevivência e amor, preconizadas por William Faulkner, são ainda a música de fundo, o alento e a inspiração dos escritores atualmente em evidência.

Com a tese do Professor Howard estamos completamente de acôrdo, por reconhecermos a influência dos escritores americanos no mundo. Sua publicação, além dos méritos acima descritos, tem ainda a enaltecer-lhe o fato de que não é uma mera história da literatura dos Estados Unidos; os escritores literariamente mais importantes são estudados mais profundamente de acôrdo com o valor que lograram alcançar por seus méritos literários. Trata-se, pois, de um trabalho de seleção de valores.

A tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos é perfeita. Muito embora a ambigüidade de certas palavras como "pattern" (padrão — pág. 97) continue a apresentar problemas, a esmerada tradução quase que compensa não ter o livro sido escrito diretamente em português. Que a Editora Cultrix tenha convidado um escritor e crítico do calibre de Péricles Eugênio da Silva Ramos para traduzir este trabalho é um bom augúrio de que podemos esperar no futuro uma maior compreensão, por parte dos editores brasileiros, do papel imprescindível que boas traduções de importantes trabalhos significam para o futuro da cultura brasileira.

ALEX SEVERINO